

# *As Figuras de Voz*

*de Margaret Watts Hughes*

---

ROB MULLENDER-ROSS



---

Estas imagens são tiradas de um arquivo único de cerca de 50 obras da cantora e filantropa galesa Margaret Watts Hughes – imagens que até 2016 não haviam sido descobertas e eram tidas por perdidas. Datadas do final do século XIX ao início do século XX e consideradas os únicos exemplos existentes, elas são o resultado de um envolvimento profundamente espiritual e incomumente dedicado com a voz, materiais e imagem. Ao tentar medir o poder de sua voz, Watts Hughes concebeu um dispositivo que ela chamou de “Eidophone”. Este aparelho consistia em um bocal conectado a uma pequena câmara cilíndrica de metal, sobre a qual se estendia uma membrana de borracha (ou “diafragma”). Ela então espalhava pó na superfície do diafragma e observava a altura em que esse subia no ar em resposta a uma nota cantada no aparelho:

Eu estava trabalhando nesse caminho até maio de 1885, quando, em uma ocasião em que cantei, notei que as sementes que eu havia colocado na membrana de borracha natural<sup>1</sup>, ao se assentarem, em vez de se espalharem promiscuamente em todas as direções e caírem pela borda do receptor sobre a mesa – como era habitual quando uma nota bastante alta era cantada –, resolveram-se em uma figura geométrica perfeita. (Watts-Hughes, 1904, p.2)

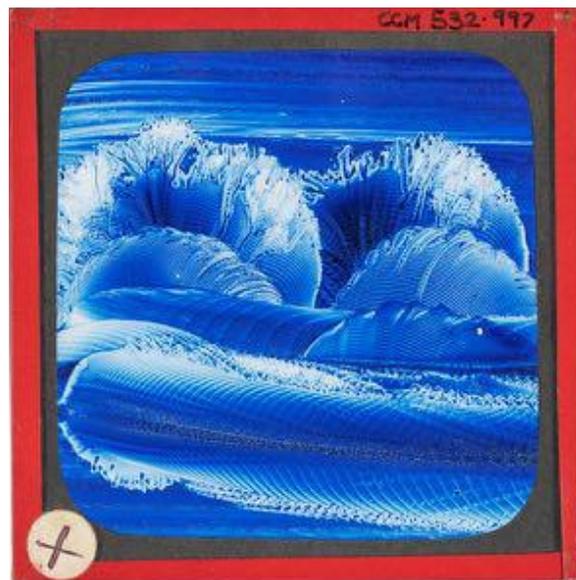


*Figura de Impressão*, Pigmento em cerâmica opaca.  
Dimensões aprox. 120mm de diâmetro.



Diapositivo monocromático para “lanterna mágica”, de uma *Figura de Impressão* hoje perdida. Transparência fotográfica em vidro. Dimensões: 82mm x 82mm

A descoberta de Watts Hughes foi semelhante à de Hooke e Chladni antes dela - que o pó fino em um objeto ressonante horizontal se reunirá nos locais em que esse objeto estiver vibrando menos (os “nós”), fornecendo uma visualização de seu movimento e, por adjacência e inferência, do som sendo ouvido. Ela descobriu que formas diferentes podiam ser reproduzidas de maneira confiável e consistente com notas diferentes e que ela podia introduzir complexidade e sutileza cantando em sobretons e diferentes timbres. Desenvolvendo uma hierarquia de formas, ela trabalhou para se afastar das formas geométricas e se aproximar de formas florais “naturais”, que impuseram maiores demandas a suas habilidades vocais e nas quais ela envolvia um significado simbólico

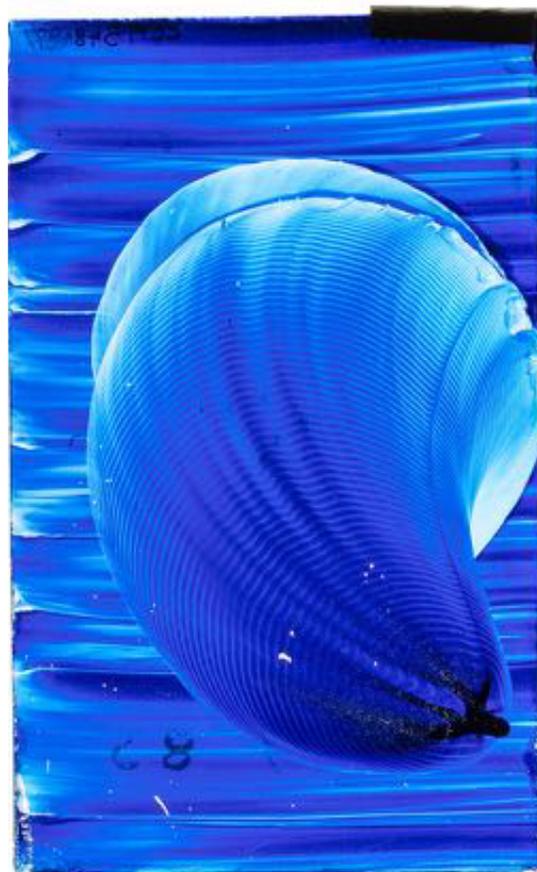


*Figura de Impressão*  
montada como diapositivo de “lanterna mágica”.  
Pigmento sobre vidro. Dimensões: 82mm x 82mm

<sup>1</sup> N.T. No original “*India rubber membrane*”. É curioso notar que a borracha natural que Watts Hughes denomina de acordo com a convenção da época, de notável marca colonial, como borracha da Índia, muito provavelmente, pelo ano em que escrevia, veio da Amazônia, que vivia entre 1879 e 1912 o seu “boom” de extração e exportação da borracha. Todavia, vale atentar que as sementes da árvore da *Hevea brasiliensis*, originais da Amazônia, foram contrabandeadas pelo botânico inglês Henry Wickham do Pará para Londres em 1876 e chegaram nas colônias inglesas no Sudeste da Ásia em seguida, onde no início do século XX começaram a gerar látex em larga escala. Não podemos, portanto, com toda certeza, afirmar se a borracha natural do Eidophone provinha do extrativismo na Amazônia ou no Sudeste da Ásia, mas podemos dizer que *Hevea brasiliensis* é uma importante dimensão material da invenção da cantora galesa. Para mais sobre a história material de tecnologias de gravação sonora e o papel do Brasil como provedor de “recursos naturais” neste mercado transnacional na virada do século XIX para o XX, ver o capítulo 1, sobre a cera de carnaúba, em Michael. B. Silvers. *Voices of Drought: the politics of music and environment in Northeastern Brazil*. Urbana: University of Illinois Press, 2018.

espiritual – implicando em seus escritos que, como a natureza era obra de Deus, uma habilidade ampliada para criar formas mais próximas da natureza significava uma proeza espiritual correspondente.

O desejo de "consertar" esses padrões levou-a a experimentar com a adaptação e aplicação do Eidophone em placas de vidro revestidas de pigmentos de várias consistências úmidas (em vez de pós secos) e em alguns tamanhos e configurações diferentes do dispositivo – resultando nas imagens reproduzidas aqui, que ela chamou de Figuras de Impressão. Os pequenos trabalhos em molduras ornamentais dourados conectam sua prática anterior e sua prática posterior. Eles foram feitos posicionando o Eidophone com o diafragma voltado para cima e aplicando uma pasta colorida ao seu centro para que notas fossem cantadas para produzir a imagem (geralmente uma flor, mas às vezes outras formas vegetais), antes de uma placa de vidro ser colocada em cima para capturar o resultado. As outras Figuras de Impressão envolveram o movimento lento e constante de um “Eidophone de Mão”



*Figura de Impressão* de tom único,  
com anotação de nota musical.  
Pigmento sobre vidro. Dimensões aprox. 150mm x 90mm

sobre a superfície da placa de vidro enquanto as notas estavam sendo cantadas nele. Várias delas são de uma cor azul comum e tamanho intermediário, e foram especificamente direcionadas à transcrição sonora, tendo sido produzidas usando um único gesto do Eidophone de Mão para gravar entre uma e três notas no vidro. As notas musicais correspondentes podem ser encontradas escritas no pigmento. Algumas dessas placas chegam na forma de diapositivos de lanterna mágica – uma lembrança de que o irmão de Margaret, John Watts, deu muitas conferências sobre seu trabalho – e ela também fez experiências com suportes de cerâmica opaca, conforme pode ser visto na figura redonda reproduzida na primeira página.

No entanto, o ponto culminante da prática de Watts Hughes pode ser vislumbrado nas maiores das placas do arquivo. Surpreendentemente complexas e variadas, essas figuras retratam formas vegetais e quase-paisagens, compostas de explosões de

linhas vibrantes e de pigmentos reticulados arrastados. Em uma inspeção minuciosa, algumas partes destas se assemelham aos experimentos de trilhas sonoras óticas em filme que ocorreriam cerca de trinta anos depois – como seria de se esperar de imagens que, não devemos esquecer, foram geradas pelo som. Outras áreas dessas obras possuem semelhanças com a técnica da “Decalcomania” usada mais tarde por surrealistas como Remedios Varo, Oscar Dominguez ou Max Ernst – parte de uma série de estratégias (juntamente com frottage, grattage e collage) que vagamente se enquadravam na categoria do “automatismo”, em que as imagens podem ser produzidas sem controle consciente. Talvez de maneira reveladora, os únicos trabalhos que parecem ter alguma concordância com as Figuras de Voz de Watts Hughes produzidos até aquele momento no Reino Unido são da artista espiritualista Georgiana Houghton, com possivelmente Hilma af Klint a seguir na virada do século XX na Suécia. Ao lado dessas outras artistas, Margaret Watts Hughes produziu obras que

antecederam a abstração por algumas décadas e, deste modo, problematizam as narrativas patriarcais aceitas e estabelecidas da história da arte na Europa. Tenho a esperança que, durante esta época de novas possibilidades trazidas pela contínua reavaliação e realinhamento dessas histórias, seja encontrado um lugar melhor para ela e que seu trabalho encontre novos públicos.

---

**Rob Mullender-Ross** é artista, pesquisador e educador cuja prática multidisciplinar explora o som em suas múltiplas encarnações e interações em escultura, performance, instalação, imagem em movimento e texto. Sua tese de doutorado examinou a maneira em que a luz e a imagem foram usadas para criar sons, e foi concebida como uma história alternativa da produção experimental de som e imagem. Ele é membro da CRISAP (Creative Research into Sound Arts Practice) na University of the Arts, London

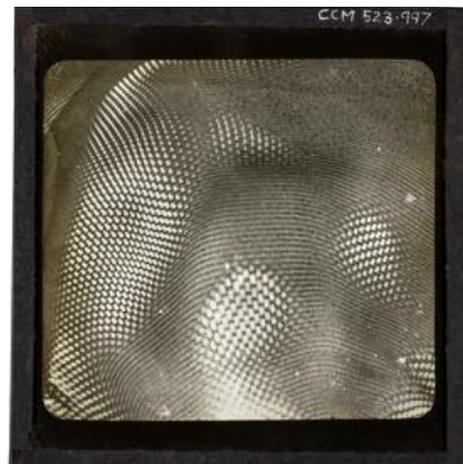
**Tradução:** Maria Fantinato

**Revisão técnica:** Liv Sovik

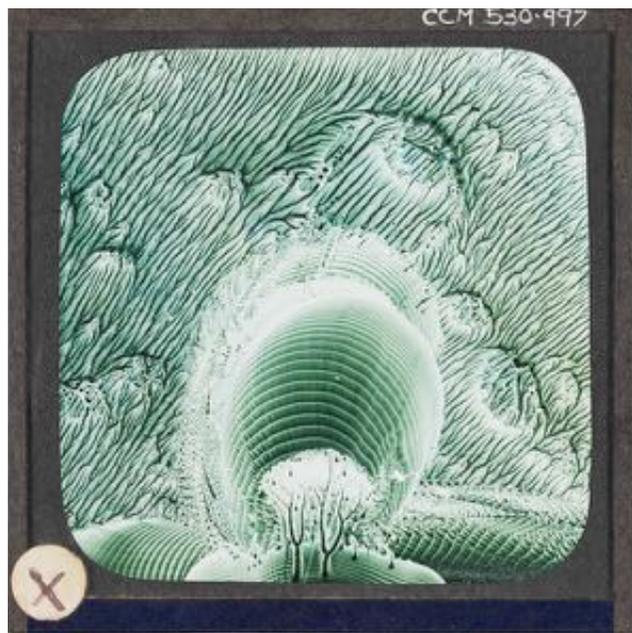
## Referências:

Watts-Hughes, M. (1904). *The Eidophone Voice Figures – Geometrical and Natural Forms Produced by Vibrations of the Human Voice*. London: Christian Herald Co.

Imagens cortesia do Cyfarthfa Castle Museum (País de Gales). Fotografias: Louis Porter e Rob Mullender-Ross.

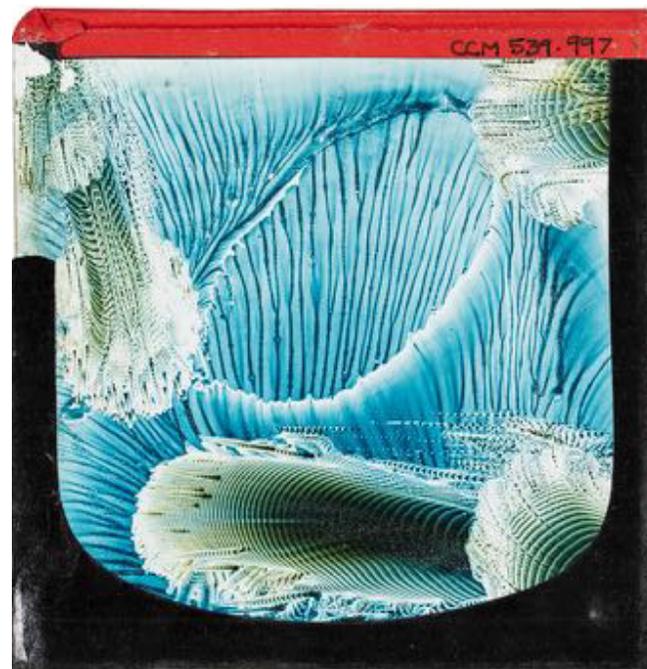


Diapositivo monocromático de “lanterna mágica” de detalhe de uma *Figura de Impressão* hoje perdido[“since lost”]. Mostra padrões de “vibrações cruzadas”. Transparência fotográfica sobre vidro. Dimensões 82mm x 82mm



*Figura de Impressão*  
montada como diapositivo de “lanterna mágica”.  
Pigmento sobre vidro. Dimensões: 82mm x 82mm

*Figura de Impressão*  
montada como diapositivo de “lanterna mágica”.  
Pigmento sobre vidro. Dimensões: 82mm x 82mm





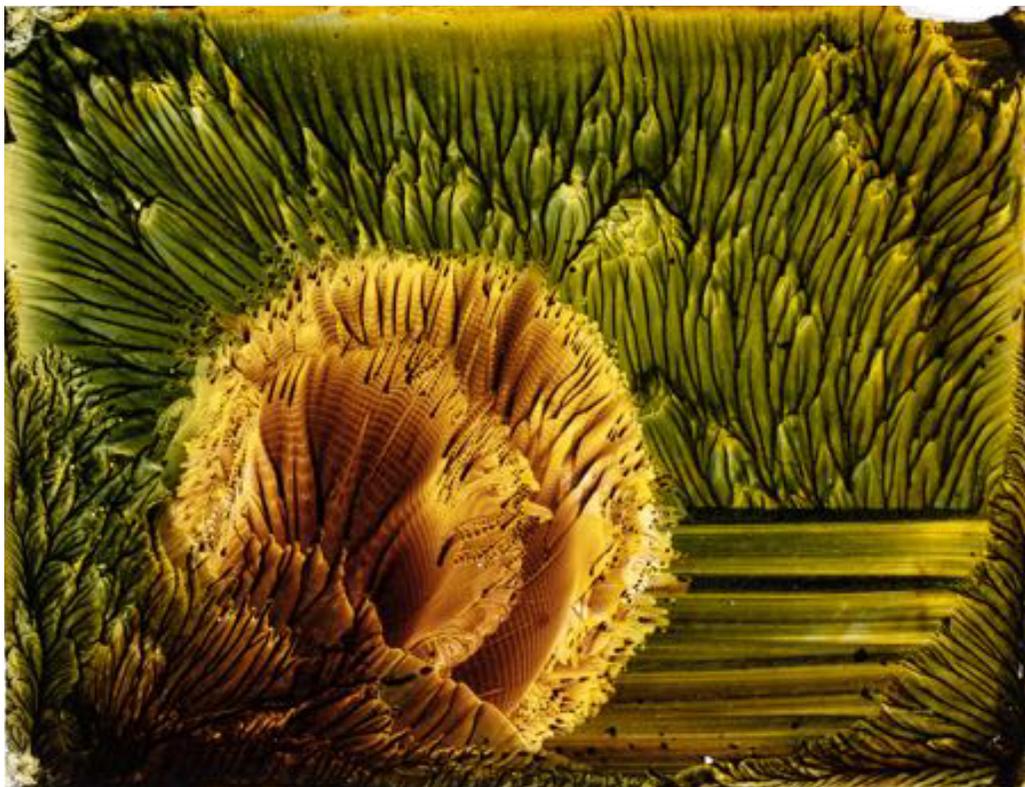
*Figura de Impressão.*  
Pigmento sobre vidro. Dimensões aprox. 350 x 200 mm



*Figura de Impressão.*  
Pigmento sobre vidro. Dimensões aprox. 350 x 200 mm



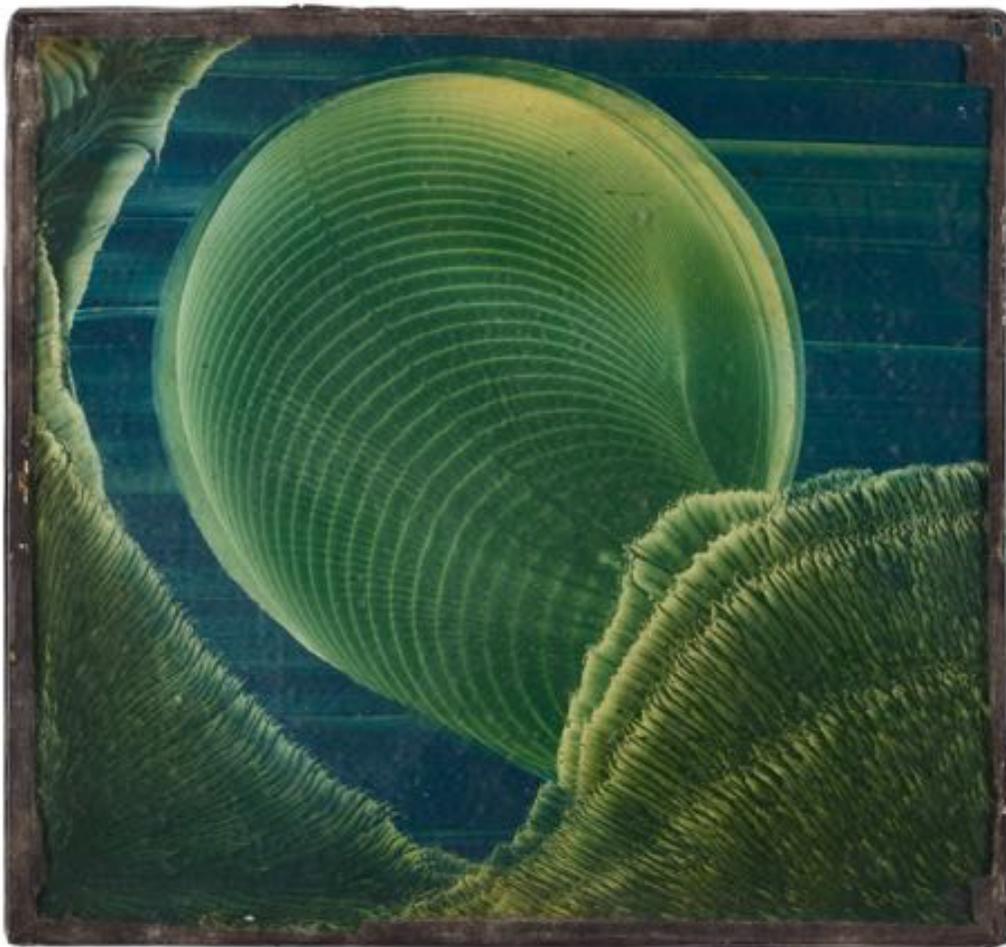
*Figura de Impressão.*  
Pigmento sobre vidro. Dimensões aprox. 350 x 200 mm



*Figura de Impressão.*  
Pigmento sobre vidro. Dimensões aprox. 300 x 250 mm



*Figura de Impressão.*  
Pigmento sobre vidro. Dimensões aprox. 300 x 250 mm



*Figura de Impressão.*

Pigmento sobre vidro opaco com borda de chumbo. Dimensões aprox. 200 x 200 mm